

XICO SÁ

Big Jato



Copyright © 2012 by Xico Sá

*Graça atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa
Retina78

Preparação
Ciga Caropreso

Revisão
Jane Pessoa
Isabel Jorge Cury

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sá, Xico
Big jato / Xico Sá. — São Paulo : Companhia das Letras,
2012.

ISBN 978-85-359-2181-6

1. Memórias autobiográficas 2. Romance brasileiro 3. Sá,
Xico I. Título.

12-11191

CDD-869.935

Índice para catálogo sistemático:
1. Romance autobiográfico : Literatura brasileira 869.935

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiasdasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- Breve e perfumado prólogo, 9
1. O velho, 11
 2. O menino, 19
 3. Os pterossauros gigantes, 25
 4. O tio, 28
 5. A noiva, 45
 6. Jude, 47
 7. A garotinha do *Exorcista*, 52
 8. Jesus Cristo, 56
 9. George Harrison, 61
 10. Pelé, um grito em preto & branco, 66
 11. O sorriso rosa de vovô boiando no copo, 70
 12. O barbeiro, 75
 13. A Olivetti Lettera 22, 82
 14. Ezequiel 4, 12, 94
 15. Caim, 98
 16. O dólar furado, 105
 17. Minha mãezinha com prisão de ventre, 125

18. Cruyff!!!, 128
19. Ana Paula, 130
20. Os gringos malditos, 135
21. Camões, 138
22. Sete Misérias Infinitas, 140
23. O sétimo filho, 142
24. A privada de ouro do Vaticano, 145
25. A desgraça corrosiva, 148
26. A Espanta Velha da Foice, 149
27. O amor e a merda, 150
28. Os ácidos, 152
29. Os vaqueiros que morrem do coração, 153
30. O Menino Jesus de Praga, 155
31. Os cascabulhos, 157
32. As caveiras dos tubos e dos galões de ácidos, 160
33. A borboleta de Papillon, 181

1. O velho

Pensando bem, o velho nem era tão velho assim, apesar de corroído por esta ferrugem que torna um filho de Deus aparentemente mais enfezado do que o outro.

À primeira vista, os buracos dos olhos do velho eram tão profundos quanto a ilusória superfície dos copos engana-bêbados nos quais emborcava a sua aguardente. Óculos verdes fundo de garrafa, iguaizinhos ao para-brisa do Big Jato, envidraçavam ainda mais o horizonte. Treze graus de miopia e astigmatismo no lado direito, doze no canhoto.

Mais de resmungos do que de fala, o velho descia a lenha nos semelhantes. Nesta cota incluía as criaturas mais rasteiras e pré-históricas. Lagartos, lagartixas, bicos-doces, tatupebas, lobós, tejus, cascavéis, preás e toda uma sorte de répteis. O que porventura surgisse no seu rumo virava topada prenhe de desaforos e sermões.

Quem não reage, rasteja. Era o lema.

O velho acreditava no barulho dos maldizeres, aí a vida ganhava um sentido mínimo, aí fazia-se a luz, sua própria labareda bíblica, o fulgor, o barato.

Com o atrito de uma pedra em outra, acendia seu fumo. Tudo era brutalidade e faísca. Um paiol na beira da estrada, o velho era um espantalho capaz de desencorajar todos os pássaros, hordas de famintos e rapinas que se arvorassem a bicar suas roças em rebento de seca verde.

Falava-se em seca verde quando chovia apenas para esverdear o mato e pronto, chuva ilusória para os olhos, incapaz de tirar do chão qualquer cereal ou proveito.

Na seca verde, o velho comia barro como uma criança, como eu havia comido, comia e vociferava, vomitando o barro antes que descesse todo goela abaixo.

Se é infértil aqui em cima, que pelo menos fertilize as lombrigas, elas gostam de terra, de infância, delirava o velho.

Ouvia-se o escarro do velho ao longe. Era um dos seus modos de provar que estava vivo, de mostrar que se aproximava e principalmente de revelar que sua tolerância já havia sido gasta com a humanidade inteira naquele dia que mal começara.

Como é difícil se ajustar dentro de um dia, o velho às vezes pensava.

Entro ou não entro.

O dia é uma roupa nova mal cortada.

O horizonte tem zíper ou botões?

As vestes eram maiores que o defunto. Camisa que não cobre o braço, calça pega-marreco. Indumentária de quem vai fazer exame de fezes ou vai para um casamento. Todo orgulhoso da merda.

O dia é tudo isso, jogava no ventilador o abençoadão sopro do Criador, a aragem divina.

Para entrar num dia, pensava e pensava, é preciso amolar sonhos na mesma pedra azul que afina as lâminas das facas e das foices.

O dia não é uma página.

O dia não é sequer um diário.

Quando a gente consegue enfiar a primeira perna dentro, ele já vai tarde. Um dia é para répteis calangos e camaleões. Para quem muda de cor. Talvez seja mais adequado mesmo para quem rasteja sem horizonte à vista.

As reflexões matinais do velho emperravam no cocoruto. Motor engasgado por sobra de gasolina. Eu juro que era capaz de ouvir o inútil vrummm da ignição cerebral. O velho preferia não refletir, mas era tarde. As ideias já haviam virado galos de briga no poleiro sem futuro da manhã. Tudo isso, esses galos, por exemplo, eu tinha ouvido do velho um dia. Por isso era fácil saber o que ele estava pensando.

Pior, dizia ele, era avistar homens agachados na frente das suas casas mirando o nada. Me proibia de ver a cena, tapava meus olhos. Talvez fosse inveja da lentidão lá fora.

Um homem de verdade tem que saltar para dentro do dia, senão o dia o engole como uma sucuri devora um boi.

Eu amava o velho sobre todas as coisas, mas aquela criatura era assombro, não nego. Dentro e fora do nosso rancho.

Menino não quer dormir? O velho enferrujado vem pegar.

Tal criatura era malfazeja também com os mais crescidos. Deu praga na lavoura ou peste bubônica nos humanos? Foi maldição do velho. Ele dividia com a mãe-da-lua, ave mais agourenta do que um corvo, quase todas as desgraças do pedaço.

Havia motivos de sobra para turbinar a imaginação de crianças e adultos. No rancho, admito, até seus filhos o estranhavam. Corria léguas como um cavalo solitário cujo caubói ficou para trás, abatido na poeira do faroeste. Parecia desenho do gibi do Tex. Em sua desembestada correria, blasfemava contra Deus e o sol de duzentos e vinte volts, ovão insosso estrelado no infinito.

Eu também não presto nem para adubo nem para estrume, voltava-se contra si mesmo. Ao entornar a primeira bagaceira do dia, o velho resmungava, quase incompreensível para todos nós ao redor da mesa:

“Na ira, rasgar à faca ou foice o bucho dos céus, desejo antigo, para fazer descer a tempestade.”

Compreendíamos como uma raiva qualquer do mundo. Talvez tivesse outro sentido. Não era trabalho nosso decifrar aquele rosário de pragas, blasfêmias, mantras e orações em forma de aboio ou cantiga. Quando ele amanhecia assim, não tinha jeito. Só amansaria com açoites de ramos de urtiga sobre o próprio lombo, dor que aprendeu a aplicar com a Ordem dos Penitentes de Barbalha. O velho se batia até perder o sentido da carne.

— Possuído! — Nossa mãe se benzia sob o cheiro de cominho da janta e o vapor das panelas de ferro que encobriam seu rosto.

Nosso pai engolia o cuscuz com cabrito em suado silêncio, ombros ainda com veios de sangue.

— Possuído!

As sobrancelhas do velho pareciam mato de beira de caminho chamuscado nas queimadas para novas plantações: as brocas, as coivaras sobre as vistas, às vezes ainda em fogo como gambás estrebuchando nas labaredas. O nariz do velho fazia sombra gigante na parede quando ele enfiava a cara no prato de cuscuz com cabrito. A pimenta, quase um pé de malagueta a cada almoço ou janta, tingia seus olhos da cor do urucum da panela.

Nesse instante, eu gostava de acompanhar o movimento das réstias quando o motor da luz elétrica encerrava o expediente. Depois das oito da noite, a iluminação era apenas dos candeeiros e lampiões a gás.

Quando minha mãe esquecia de prender os cabelos, a sombra fazia da cabeça dela a copa de uma árvore gigante, como o pé de benjamim da frente de casa.

Às vezes ríamos, às vezes ficávamos calados como calados estávamos — faltava-nos ânimo, praticamente já entregues à vontade de Morfeu, que nos punha a dormir antes das galinhas no poleiro.

— Não solta nem uma palavra!? — Nossa mãe atiçava o silêncio do seu homem entregue à comida e, quem sabe, ainda entregue a devaneios, arte que ele não admitiria jamais. Era metido a muito consciente.

— Fala, miserável! — ela insistia.

Mesmo já entregues à pescaria do sono, ainda havia tempo para um riso em coro da criançada. Um riso meio para dentro, um riso medroso, mas um riso.

Sob a lua nova os cachorros do rancho acuavam um senhor de bicicleta que passava pontualmente às oito da noite, muito tarde para nossos sonos galináceos. O mesmo senhor, com pedaladas asmáticas, retornava sempre no primeiro minuto da madrugada, quando os cães nos acordavam de novo com uma barulheira de apocalipse.

Tratava-se de Antônio Passos, criatura vizinha do sítio Silêncio, viríamos a saber muito tempo depois; não um lobisomem, embora evitasse as testemunhas solares. Viajava léguas diárias para

ver uma moça com quem mantinha conversa, sem nenhuma intimidade física, por quarenta anos. Mão sobre mãos era o máximo da profundidade e do carinho, contava Marivone, nossa tia costureira.

Certa noite tomei uma garrafa de café e, qual um tetéu, fiz disfarçada sentinela e esperei Antônio Passos acordado. O tetéu, bicho de beira d'água, possui espinhos debaixo das asas que não permitem que ele durma nunca.

Queria ver o viajante noturno pela brecha da janela. Sua sombra gigante chegou antes dele, refletida no chão do terreiro, o panamá que andava na frente da lua cheia, depois o homem, todo de branco, bigode à Santos Dumont, pedaladas cada vez mais resfolegantes. Foi tudo que consegui guardar na vista. Em segundos estava distraído com a trajetória cadente das estrelas.

Nossas noites de menino pareciam sempre as mesmas, inclusive com a passagem do senhor da bicicleta.

Nossos dias, porém, eram todos diferentes, e uma única coisa me interessava: estar na boleia do caminhão do velho, quando eu sentia que a fala dele era cagada e cuspida como o ronco do motor do Big Jato subindo uma ladeira, quando eu sentia que havia saído à semelhança:

- O papa também faz, papai?
- Sim, filho, como João Pé de Pato, como qualquer um larento cá do nosso mundo.
- Jesus Cristo não, né, pai?
- Creio que sim, mas há controvérsias.
- Contro...
- Melhor parar por aqui, bruguelo, não me meta em enrascada com o filho do Homem.
- Controvérsias?

- Sim, filho, vê se te azouga, deixa de ser leso.
- E os Beatles?
- Ô filho, o conjunto acabou faz quatro anos, já lhe disse mil vezes.
- Mas o senhor faz um estirão para ouvir os *cabelim pastinhos* no rádio...
- A estrada vazia me faz pensar que o deserto, de tanto se repetir, vai acabar virando a eternidade, filho.
- Eternidade...
- Gravações, filho, vê se não perde palavra à toa para o vento.
- Gravações?
- Deixa de ser tonto, filho, te alui, te bole, tudo o que ouvimos agora são apenas gravações do passado, fitas cassete, *long-plays*, vozes, espíritos...
- Tá certo, pai, eternidade, assombrações, o que mais?
- Como abelhas que zumbiram nas antigas, nos enxus do mato e nas colmeias dos cortiços do teu avô, infeliz.
- Agora entendi.
- Peste.
- Vovô disse que já criou tanta abelha nos cortiços dele que na sua conta daria uma para cada pessoa que tem sobre a Terra.
- Tudo a mesma desgraça.
- Um ataque de abelhas-africanas é capaz de matar um homem.
- E o homem?
- Não sei.
- Tão bonzinho, o homem. A começar pelo teu avô!
- Vovô...
- Vovô, vovô, *vozim*...
- Você não sabe me imitar, pai, não falo assim.

- Esse vovô te bota a perder.
- Me deu dois borregos de ovelha.
- Esse vovô, se brincar, rasga dinheiro e come merda.
- Pra gente vender quando engordarem.
- Pois diga a ele que lá em casa ninguém está passando fome nem precisando da caridade.
- Foi meu aniversário.
- Dos meus filhos cuido eu.
- Repara na rodagem, pai, olha a curva.
- A curva é que dá o sentido da chegada.
- Pai, faz tempo que os Beatles morreram?
- A reta é sono, é previsível, nada diz em uma viagem.
- Os Beatles, pai, quanto tempo eles morreram? Acorda!
- No dia 9 para 10 de abril do ano da graça de 1970, pelo que bem me recordo, afinal de contas é o meu aniversário.
- Desastre de carro ou de avião, pai?
- Nem por baixo nem por cima, filho.
- De quê, então?
- Como as cigarras, filho, cansaram.
- Olha o tronco do tamboril, pai, freia!
- É, creio que foi no dia do meu aniversário.

Tarde demais para advertir sobre o tronco gigante que enfrentaria o Big Jato. Infinitamente maior, àquela altura, do que o do baobá do *Pequeno príncipe*, que eu acabara de ler na escola. Se o essencial é invisível aos olhos, só meu pai saí ganhando. O velho não enxerga nada. A desculpa é que teve sempre uma ilusão de ótica.

Três para-brisas estilhaçados na batida no tronco do tamboril. O do caminhão e os dos nossos óculos verdes fundo de garrafa.

Ilusão de ótica.